

Editorial

Imagem do Brasil e do mundo na crise

por Jorge Nóvoa

Estamos entrando em 2010 e o Brasil vence mais uma década! A próxima, para certos setores sociais dominantes, se anuncia alvissareira! “Crise? Qual crise? No Brasil já passou e ele se saiu muito bem”. É verdade, o Brasil ultrapassou o Brasil! Segue crescendo! Mas para onde e quem ganha com isso? O Brasil ocupou a primeira página das seletas revistas e jornais estrangeiros esse ano prognosticando O Brasil no clube dos países desenvolvidos. Na semana passada Lula foi considerado pelo jornal *Le Monde* o homem mais popular do planeta. É “normal”! Enquanto todas as economias-nação se retraem e o Brasil – que já foi considerado por Charles De Gaulle e por muitos brasileiros, um país apenas do futuro – se dá ares de grande potência. Pasmem: o Brasil do Governo Lula pagou a sua própria dívida externa, e mais ainda, emprestou dinheiro ao Banco Mundial. Parecem longe e revolutos os tempos nos quais os petistas faziam campanha pelo **não pagamento da dívida externa**. Todos ou quase (governos, partidos, sindicatos e mesmo os opositores) parecem ser só sorrisos que não vão acabar tão cedo. A popularidade de Lula só faz crescer e o seu Governo é o mais popular de todos os tempos. É fácil se ouvir da boca do povo: “o Brasil nunca foi tão respeitado no exterior”. Isso é “verdade” também, mas se conseguirmos distinguir o que significa bem esse “respeitado”! Com a descoberta de um gigantesco manancial de fontes de energia combustível em águas profundas com tecnologia que só a Petrobras detém no mundo - num momento no qual inclusive os EUA se acham desesperados correndo atrás de seu déficit energético, mas uma vez o Brasil se torna admirável! Até mesmo de cientistas sociais e economistas críticos é possível ouvir coisas do tipo, “o mundo todo está dizendo que o Brasil caminha para se tornar um dos cinco países mais importantes do mundo e nós já estamos acreditando nisso”! A ironia da história é que o Brasil aparece ao mundo como democrático – elegeu um torneiro mecânico – que descobriu a fórmula mágica para fazer face à crise elevando as taxas de lucratividade do grande capital financeiro, enquanto a França, a Inglaterra, e mesmo os EUA são obrigados a fechar bancos e ícones fabris!

Portanto é de se perguntar: foi obra do acaso que se o Brasil sediará a próxima Copa do Mundo de 2014 após a da África do Sul? E a Olimpíada de 2016? É verdade também que o Brasil guarda aparentemente a soberania da Amazônia, muito embora já se fale muito no fato de que as ONGs estrangeiras ou mesmo nacionais ocupam crescentemente seu território, além dos madeireiros e dos fazendeiros de gado. E todo mundo sabe que o solo da Amazônia é frágil e vira

areia rapidamente! O crescimento industrial brasileiro tem sido muito pequeno ao ano e o índice de desemprego urbano não tem diminuído significativamente. A questão fundamental neste caso é a seguinte: **existe possibilidade do Brasil reduzir 60% do desemprego na próxima década?**

No Rio de Janeiro, às duas e meia da manhã de sábado, dia 19 de dezembro, foi incendiada uma grande oca erguida no terreno do Antigo Museu do Índio. O incêndio foi comprovado ser criminoso e contra a ocupação indígena no local que contraria uma série de interesses públicos e privados. Seu terreno é almejado pelos Governos Municipal e Estadual, com vistas à Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016. A Prefeitura do Rio o estaria negociando por 30 milhões de dólares com uma empresa privada espanhola para a construção de um Shopping Center que terá lugar para 3.000 automóveis. O espaço funciona como um pólo de preservação da Cultura Indígena, além de dar abrigo e proteção aos indígenas de todo o Brasil que chegam ao Rio de Janeiro sem amparo governamental ou institucional. Medo e inseguranças são permanentes, visando obrigar os indígenas a abandonarem o Antigo Museu do Índio. Há cerca de dois meses atrás Pirapiré, o cachorro de estimação dos indígenas, foi morto a pauladas. Desde 2006 indígenas de várias etnias ocupam o local com o objetivo de transformá-lo num centro de preservação e difusão da cultura ameríndia. É prevista a reforma do prédio para a criação da primeira Universidade Indígena do Rio de Janeiro, que buscará salvar o que subsistiu dos saberes ancestrais da cultura indígena. Hoje em ruínas, o prédio foi, no passado, sede do Serviço de Proteção ao Índio, fundado pelo Marechal Rondon. Nos anos 1950 abrigou o Museu do Índio, criado por Darcy Ribeiro, e foi transferido para o bairro de Botafogo em 1978. A simples descrição desses fatos nos impõe a clareza de que a questão indígena permanece uma chaga aberta na nossa história real.

Mas e os outros setores subordinados do estado e da nação brasileira? O número de desabrigados nos centros urbanos do país só faz crescer a olhos vistos. Nas grandes capitais do país as favelas enfeiam e assombram os que as vêem pela primeira vez, mas também àqueles habitués. A miséria persiste e aumenta. Brancos, mais ou menos brancos, mulatos, pardos, negros, índios ou simplesmente, **mestiços pobres brasileiros**, desdentados, sem saúde e miseráveis, este sim, é um contingente que apresenta índices de crescimento assustadores. É o maior contingente da população brasileira! Como impedir que o tráfico de drogas cresça se existe um terreno tão favorável de recrutamento. O consumo de craque já invadiu a chamada classe média urbana e os trabalhadores rurais. Como impedir que, com a droga, a violência cresça? Em Salvador algo em torno a 50 homicídios

ocorre a cada final de semana. Mas e a fome? Ao olharmos sua realidade, percebemos que ela é larga, gigantesca, estrutural. Como impedir que se roube por fome? A população carcerária é simplesmente impressionante e do furto ao roubo à mão armada é necessário um segundo!

Há alguns meses atrás um negro ou mulato, seguramente um mestiço, seguramente miserável, seguramente anônimo, foi fuzilado na frente das câmeras da Rede Globo de Televisão por um oficial do Bope. O mesmo que fracassou no caso do seqüestro do célebre *Ônibus 147*. Desta vez ele não tinha como errar. Seu fuzil com lentes eletrônicas e infravermelho disparou uma única bala para matar - e não para imobilizar- e estourou o crânio de um pobre infeliz que havia furtado duas vezes antes. Ninguém protestou! A classe média gostou e as camadas baixas aplaudiram e vibraram com o “espetáculo”. Os comentários no dia seguinte foram unânimes repetindo o bordão global sutilmente destilado pelo Jornal Nacional. Um caso emblemático, pois, dessa situação geral! O Brasil que viveu quatros séculos de mortandade escravista (os escravos da produção viviam no máximo 10 anos e hoje os “soldados” do tráfico vivem 20 mais ou menos) e pelo menos três ditaduras, parece perseguido por um fantasma que ressurgue de um recalque social travestido em novas formas: **o que fazer com o excedente populacional que se desenvolveu nas favelas e nos centros urbanos?**

Até agora a utopia civilizatório do capitalismo distribuidor de renda não conseguiu se concretizar! Não por acaso **a questão da superpopulação excedente ao capital** foi assumindo inúmeros adjetivos na história do capitalismo. Inevitavelmente e de modo correlato, em diversas latitudes e longitudes, a idéia da **limpeza social** aparece coerente com os interesses dominantes e com a voracidade do sistema, chame-se a isso de diáspora, tráfico negreiro, apartheid, holocausto, ou choque de ordem. Porém, o mais assustador é que a ideologia da **limpeza social** já se apoderou da classe média e já hegemonizou setores mais que consideráveis das camadas pobres da população brasileira. Se a crise estrutural permanente não se resolveu nesta última conjuntura e se seu processo de solução não encontra horizonte na próxima, o que se pode esperar do futuro? À violência dos aparelhos de estado pode se somar aquela que prolifera com os bandos paramilitares, “oficiais” ou clandestinos, públicos ou privados, controlados pelo estado-capital ou que brotam “espontaneamente” na ação daqueles que sobrevivem servindo aos interesses do capital. A violência das organizações do tráfico que serve às suas estruturas piramidais, concorre “ilegalmente” com aquelas legalizadas do grande e médio capital que fazem proliferar os agentes de segurança. Como não se perguntar qual será a cara do Brasil em 2016?

Mas esse é também o quadro geral da América Latina e do mundo que encontra sua coerência no sistema da produção da riqueza. Portanto, como se surpreender diante da violência e que ela termine também como um grito de revolta daqueles que sequer podem viver do próprio trabalho? Não parece estranho quando vemos o *Le Monde* afirmando que o “Réveillon de 2009 foi marcado por recorde de 1.147 veículos incendiados, um aumento de 30,64% sobre o ano anterior”? Aqueles que acreditavam que com a Queda do Muro de Berlim (20 anos antes) e com o desabamento geral do “socialismo de caserna” o mundo progrediria em direção ao oásis capitalista deveriam repensar tais dados dos processos sociais atuais. Mas acreditar nisto não seria uma utopia? Os processos sociais marcham, não necessariamente em função das “boas consciências” que os setores sociais dominantes querem se dar, nem mesmo em função das consciências contraditórias que os setores dominados possuem. Quem quis ver na Revolução Khomeinista apenas uma luta contra Reza Palevi, pode também só enxergar nos processos sociais em curso no Irã de hoje apenas uma luta por uma democracia que os movimentos sociais anti-islamistas empreendem de fato ou na revolta dos incendiadores de carros da França pura baderna. Também não ficamos pasmos ao vermos a polícia bater nos manifestantes que denunciavam as manobras postergando medidas profundas contra a destruição do planeta no último grande encontro dos dirigentes das nações? Como não se perguntar, portanto, qual será a cara do mundo no réveillon de 2011?